



BULLYING E GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA¹

José Antonio Vianna
Silvana Márcia Souza
Katarina Pereira Reis

RESUMO

Este estudo teve como objetivo verificar a percepção de alunos no ensino médio sobre a prática de bullying nas aulas de Educação Física. Responderam ao questionário semiestruturado 70 alunos - 26 rapazes e 23 moças que vivenciaram aulas de Educação Física mistas e aulas separadas por sexo e 21 alunas que só experimentaram aulas mistas. Os resultados apontaram a ocorrência de bullying nas aulas. A agressão verbal é a mais comum na percepção dos investigados. Um dos motivos para a agressão é a falta de habilidades motoras. Como características do agressor estão o sentimento de superioridade e a prepotência. As diferenças de gênero não foram essenciais na prática do bullying.

PALAVRAS-CHAVE: Bullying; Gênero; Evasão.

INTRODUÇÃO.

Ao longo da história da civilização humana, foi estabelecida a diversificação de tratamentos para homens e mulheres, criando ou reproduzindo modelos, sexualmente tipificados e estabelecendo papéis sociais peculiares nos diferentes meios sociais. Algumas sociedades humanas estabeleceram padrões de comportamentos diferenciados que contribuíram para a distinção entre os gêneros e a hierarquização da figura do homem macho sobre a fêmea (LARAIA, 2002).

Ao que tudo indica a cultura grega estabeleceu as bases da construção de conceitos de mulher que se disseminaram ao longo do tempo na civilização ocidental. Uma característica fundamental do conceito situa-se na assimetria de relações entre homem e mulher, atribuindo ao sexo masculino atributos de dominação e superioridade, enquanto à mulher era relegada a submissão e a inferioridade (SENNET, 2003).

O sistema patriarcal foi afirmado em diferentes culturas, a partir de explicações biológicas e psicossociais que justificaram a hierarquização social dos sexos e a consequente subalternização da mulher. Desde os primeiros anos de vida são estabelecidos os papéis sociais da criança e futuro adulto na sociedade, por meio da introjeção de atitudes, comportamentos, desejos, valores e hábitos que determinam o que é ser homem e o que é ser mulher no respectivo grupo cultural.

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

Ao longo do tempo, as agências de socialização como a família e a escola moderna colaboraram na reprodução de padrões de feminilidade e masculinidade, aos quais os sujeitos devem se conformar.

A naturalização das distinções dos papéis sociais entre homem e mulher tornou-se objeto de investigação na sociedade moderna, que procuraram ampliar e aprofundar a compreensão e fornecer explicações do gênero na cultura ocidental. Na teoria social clássica os papéis na reprodução biológica determinava a divisão social do trabalho, o que a tornava natural. Assim, a cultura se desenvolve sobre um suporte fornecido pela natureza e a socialização é condicionada de acordo com o gênero e corresponde ao sexo biológico.

Gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre a diferença percebida entre os sexos, que fornece um meio de decodificar o significado de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana. As teorias sociológicas de gênero consideram sexo, sexualidade, corpo e gênero, como conceitos construídos social e historicamente, tendo em vista o que é estabelecido em termos de papéis sociais para o homem e a mulher, diferenciando-se, assim, do restrito conceito biológico de sexo, que tende a explicar as diferenças entre feminino e masculino como fruto da natureza (ALTMANN, 2001; GOLLNER, 2003).

As distinções estabelecidas tiveram como resultado o sexismo presente na sociedade de hoje, que fomenta a expressão de diferentes formas de violência do homem contra a mulher, que pode resultar em sofrimento físico, psicológico ou moral.

Atualmente, as diferentes manifestações de violência do homem contra a mulher podem ser observadas em comportamentos e atitudes de crianças e jovens como agentes ou vítimas da agressão. Estas expressões da agressividade ocorrem em diferentes ambientes sociais e em particular no meio escolar.

A violência presente no meio social surge reproduzida no ambiente escolar (LOPES; SAAVEDRA, 2004), efetivadas pelos próprios alunos, tais como agressões morais, físicas e psicológicas, discriminações de gênero, racial, política e de orientação sexual (OLIVEIRA; VOTRE, 2006; MALTA, 2010; WILLIAMS, 2009).

Os comportamentos com diferentes níveis de violência têm sido classificados como Bullying. O Bullying pode ser conceituado como:

Chateações inoportunas ou hostis até fatos francamente agressivos, em forma verbal ou não, intencionais e repetidos, sem motivação aparente, provocados por um mais estudantes em relação a outros, causando dor, angústia, exclusão, humilhação e discriminação (MALTA, 2010).

A associação entre a violência intrafamiliar e o bullying no contexto escolar foi verificada por Williams (2009) e percebido como epidemia, inclusive no ambiente do trabalho (PALACIOS; REGO, 2006).

De forma geral, o bullying traduz relações assimétricas de poder entre o agente da agressão e a vítima, na qual esta última apresenta dificuldades em se defender.

Neste sentido o bullying e a vitimização representam diferentes tipos de envolvimento em situações de violência durante a infância e adolescência. O bullying se refere à forma de afirmação de poder interpessoal por meio da agressão. A vitimização ocorre quando uma pessoa é feita de receptor do comportamento agressivo de outra mais poderosa.

Bullying compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. Essa assimetria de poder associada ao bullying pode ser consequente da diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional, ou do maior apoio dos demais estudantes (LOPES; SAAVEDRA, 2004).

Conforme a Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência – Abrapia, o bullying pode ser identificado por meio de algumas ações, como colocar apelidos, ofender, zoar, gozar, humilhar, excluir, agredir, roubar, entre outros aspectos. (ABRAPIA, 2011).

Inserida no ambiente escolar, admite-se que as aulas de Educação Física podem ter acompanhado as construções sociais de valorização assimétrica de homens e mulheres e ter se tornado um espaço de manifestação da violência decorrente desta perspectiva hierarquizante.

Historicamente a Educação Física Escolar atendeu recomendações sociais para a separação ou junção dos gêneros nas aulas, atendendo a explicações de ordem biológica, psicológica ou social; fato que por vezes contribuiu para limitar a participação dos alunos (as) nas aulas, e reforçou, sabidamente, atitudes de violência física, psicológica ou verbal e de discriminação, que compromete o potencial de crescimento e desenvolvimento pleno dos alunos.

As questões relacionadas ao gênero, como o sexismo e a exclusão na Educação Física escolar, tem sido investigadas por estudiosos preocupados com a melhoria do processo de ensino-aprendizagem nesta disciplina (QUARESMA, 2010; SARAIVA, 1999; HARTEL; GONGALVES JÚNIOR, 2007; JESUS; DEVIDE; VOTRE, 2008; DAÓLIO, 1995).

Entre as perspectivas discutidas pode ser encontrada a defesa da aula separada por sexo acreditando que seria melhor para o desenvolvimento das atividades (DURAND-

DELVIGNE; DURU-BELLAT, 2003) e a crítica a esta separação ao argumentar que a separação poderia estimular atitudes mais sexistas (ABREU, 1995; SARAIVA, 1999; HARTEL; GONGALVES JÚNIOR, 2007; VIANNA, MOURA; MOURÃO, 2007).

Delgado, Paranhos e Vianna (2010) verificaram que a discriminação por parte dos meninos colegas de turma, era um dos fatores que contribuíam para a não participação de algumas jovens nas aulas de Educação Física escolar. O fato de algumas jovens resistirem em participar de atividades conjuntas com os meninos, leva ao questionamento se as alunas preferem as aulas de Educação Física separadas por gêneros ou aulas mistas.

A ocorrência e a ampliação do bullying na sociedade contemporânea motiva o investimento em investigações para a compreensão desta temática nas aulas de Educação Física escolar. Assim, o propósito desta pesquisa é verificar a percepção feminina da prática do bullying nas aulas de Educação Física escolar.

METODOLOGIA

Este em um estudo transversal, descritivo e exploratório. A amostra escolhida de forma intencional envolveu 70 alunos no ensino médio em escolas públicas - 26 alunos (grupo R) e 23 alunas (grupo G1), que ao longo de sua trajetória escolar participaram de aulas de Educação Física (EF) mistas e aulas separadas por sexo e 21 alunas que sempre vivenciaram aulas de EF com a junção de alunos de ambos os sexos (grupo G2). Todos os sujeitos participavam regularmente das aulas de EF.

Como instrumento de coleta de dados para a pesquisa, utilizou-se um questionário autoadministrado – contendo questões abertas e fechadas, que foi aplicado na pesquisa de Souza (2013).

Para a análise dos resultados foi utilizada a estatística descritiva para o levantamento de categorias respeitando a capacidade de verbalização do respondente (THIOLLENT, 1980), que permitiram a interpretação dos dados e comparação com a revisão literária.

As instituições de ensino receberam um Termo de Informação à Instituição, com o qual tomaram conhecimento das condições da realização da pesquisa. Os sujeitos que concordaram em participar da investigação assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando a utilização dos dados para fins científicos com a garantia de não terem as suas identidades divulgadas.

O presente estudo atendeu as normas para a realização de pesquisa em seres humanos, Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde de 10/10/1996 (BRASIL, 1996).

RESULTADOS

O fato de não terem experimentado aulas de EF separadas por sexo parece motivar mais da metade das alunas do G2 (52%) quererem ter aulas separadas por sexo. As vivências prévias dos rapazes e das meninas do G2 justifica a preferência por aulas mistas (81,6%) – Tabela 1.

Tabela 1 – A preferência por aulas mistas ou por gênero.

Opções	Rapazes		Meninas G1		Meninas G2	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Com participação conjunta de rapazes e moças	20	77	20	87	10	48
Separadas por sexo	06	23	03	13	11	52
Total	26	100	23	100	21	100

Embora o G2 tenha uma leve preferência por aulas separadas por sexo, a ocorrência de bullying não parece ser o motivo principal para esta opção. A maioria absoluta das participantes deste grupo (52% de frequência relativa) afirma não ter conhecimento da prática de bullying nas aulas de EF. Enquanto nos grupos que experimentaram aulas separadas por sexo já foram alvo ou presenciaram o bullying nas aulas (64,5% dos rapazes e 52,2% das moças do G1) – Tabela 2.

Tabela 2 – A percepção de meninos e meninas da ocorrência de bullying nas aulas de Educação Física.

Opções	Rapazes		Meninas G1		Meninas G2	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Nunca	09	34,5	11	47,8	11	52
Raramente	10	38,8	07	30,4	05	24
Indeciso	04	15,3	04	17,4	03	14
Com frequência	03	11,4			01	5
Sempre			01	4,4	01	5
Total	26	100	23	100	21	100

A frequência relativa da percepção das alunas do G2 de algum colega que deixou de participar das aulas de EF por causa do bullying é superior à percepção dos jovens que participam de aulas separadas por sexo. No entanto na percepção de 57 participantes (frequência absoluta de todos os grupos) nunca algum colega ou eles mesmos deixaram de participar das aulas devido ao bullying (Tabela 3).

Tabela 3 – A evasão das aulas devido ao bullying.

Opções	Rapazes		Meninas G1		Meninas G2	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Sim	04	15,4	4	17,4	05	24

Não		22	84,6	19	82,6	16	76
	Total	26	100	23	100	21	100

Enquanto os alunos que experimentaram aulas mistas e separadas por sexo têm a sua percepção divergente – os rapazes (R) acreditam que o bullying ocorre com maior frequência em aulas separadas por sexo (69,2%), enquanto 60,9% das meninas (G1) afirmam que o mesmo ocorre mais em aulas mistas – o imaginário das moças (G2) que não tiveram a mesma experiência parece influenciar a percepção de que as aulas mistas estão mais sujeitas à prática do bullying (Tabela 4).

Tabela 4 – A percepção da ocorrência do bullying em aulas mistas ou separadas por sexo.

Opções	Rapazes		Meninas G1		Meninas G2	
	Freq.	%	Freq.	%		
Aulas mistas	07	26,9	14	60,9	20	95
Aulas separadas por sexo	18	69,2	09	39,1	01	5
Não respondeu	1	3,9				
Total	26	100	23	100	21	100

A discrepância na percepção da agressão física entre as jovens dos grupos G1 (3,2%) e G2 (8%) sugere que diferentes contextos sociais levam a atitudes e comportamentos peculiares. Há de se considerar que a frequência relativa da percepção da agressão emocional do G1 está dez pontos percentuais acima da frequência do grupo G2. Esta percepção está mais próxima da percepção dos rapazes. Todos os grupos indicaram a agressão verbal como a mais recorrente na prática do bullying (Tabela 5).

Tabela 5 – As agressões mais comuns na prática do bullying.

Opções	Rapazes		Meninas G1		Meninas G2	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Verbal	26	76,5	23	74,2	20	80
Física	03	8,8	01	3,2	02	8
Emocional	05	14,7	07	22,6	03	12
Total	34	100	31	100	25	100

- Foram permitidas respostas múltiplas.

Próprio da adolescência quando a reconstrução da autoimagem corporal exerce grande pressão nos jovens, a aparência ou a aceitação dos pares aparece como aspecto relevante na opinião de sujeitos de ambos os grupos - rapazes (35,5%), grupos G1 (37,5%) e G2 (48,5%). Enquanto os grupos R e G1 têm nas habilidades a serem desenvolvidas em aula um motivo para o bullying, o G2 destaca a questão racial, tão debatida na sociedade brasileira. Na percepção dos rapazes (8,9%) e das moças do grupo G2

(9,1%), a sexualidade parece ser mais notada pelos agressores do que na opinião das alunas do grupo G1 (2,5%) – Tabela 6.

Tabela 6 – Características observadas nos vitimizados pelos agressores.

Opções	Rapazes		Meninas G1		Meninas G2	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Racial	01	2,2			08	24,2
Sexual	04	8,9	01	2,5	03	9,1
Econômica					02	6,1
Aparência	16	35,5	15	37,5	16	48,5
Inteligência	06	13,4	06	15	03	9,1
Habilidade	18	40	18	45	01	3
Outros						
Total	45	100	40	100	33	100

- Foram permitidas respostas múltiplas.

Sem muita diferença na opinião de rapazes (20%), de meninas do grupo G1 (19,8%) e das jovens do grupo G2, entre as formas mais comuns de agressão encontradas estão as ofensas verbais. Os grupos se diferenciam mais na percepção das agressões físicas (7,6% dos rapazes, 2,8% das meninas G1 e 5,4% das moças do G2) – Tabela 7.

Tabela 7 – Formas mais comum de agressão.

Opções	Rapazes		Meninas G1		Meninas G2	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Agressões Físicas	08	7,6	03	2,8	04	5,4
Ameaças	06	5,7	07	6,6	07	9,5
Roubos	02	1,9				
Ofensas Verbais	21	20	21	19,8	14	18,9
Expressões e gestos que geram mal estar aos vitimizados	09	8,6	05	4,7	04	5,4
Apelidar, ofender, zoar, gozar, humilhar	20	19	19	17,9	18	24,3
Difamar	06	5,7	11	10,4	10	13,5
Excluir de atividades escolares	08	7,6	12	11,3	06	8,1
Excluir de atividades sociais	12	11,5	13	12,3	02	2,7
Indiferença	01	0,9	04	3,8	03	4,1
Isolamento outros	12	11,5	11	10,4	06	8,1
Total	105	100	106	100	74	100

- Foram permitidas respostas múltiplas.

A descrição dos principais motivos que levam um (a) aluno (a) a praticar o bullying foi marcada pela percepção masculina de que a sentido de superioridade e prepotência do agressor (10 respondentes), seguidas de um sentimento de insegurança ou pela busca de autoafirmação (6 entrevistados):

“Uma pessoa que cause dano, seja emocional ou físico a outra e se sente bem com isso, normalmente o faz por querer se mostrar, aparecer para alguém. Nesse colégio particularmente, existe um grupo de idolatra a política de quanto mais babaca, mais descolada se é tais atitudes. Influenciam os mais novos, por exemplo, a praticar o bullying”. (R nº24).

Os entrevistados do sexo masculino sugerem a ligação entre a prepotência manifestada e a insegurança do agressor.

“Mascarar suas próprias inseguranças e ‘pisar’ em cima do outro para se sentir superior”. (R nº25).

A noção de desajuste social devido à formação pessoal e social inadequada surge também na fala dos entrevistados, que abordaram tanto a opressão exercida pelos pais, quanto à “falta de educação” que deveria ter sido ministrada no ambiente familiar.

“Ao se sentir superior ao outro e ter uma vida que não desejaria, acarreta em um processo de desencadeamento que faz com que essa pessoa passe suas emoções equivocadamente nas outras, agindo de forma rude”. (R nº15).

No entanto, também está presente na percepção dos entrevistados uma noção mais branda e talvez menos formal do termo bullying.

“Na verdade, o bullying é uma forma de dizer que a gozação na juventude/infância ocorre de forma excessiva. Mas quem faz o bullying na maioria das vezes não faz por mal, é só uma brincadeira. O problema é com quem a recebe, que vê muitos problemas nisso”. (R nº11).

Diferente da percepção masculina, a opinião das jovens do G1 estabeleceu a insegurança e o desejo de autoafirmação como motivos predominantes para a prática do bullying (8 respostas), enquanto o sentimento de superioridade e a prepotência foram citadas por cinco entrevistadas.

Segundo a participante nº 2 do G1 “Um aluno que pratica o Bullying é inseguro e tenta não mostrar isso ao fazer outras pessoas se sentirem inferiores”. Os problemas de relacionamento social e aceitação podem estimular a prática de bullying.

“Necessidade de aparecer, chamar a atenção, ser melhor. Na maioria das vezes também a pessoas que pratica é carente de amigos e precisa humilhar para chamar atenção” (sic.). (G1 nº7).

As jovens do grupo 2 (G2) reforçam a perspectiva que o sentimento de superioridade (7 respostas) é um dos motivos para a prática de bullying. Surge também na fala das entrevistadas deste grupo a percepção de que o bullying decorre da ausência de valores humanos fundantes da vida em sociedade. “Porque ele quer se achar, quer ser o

melhor de todos, isso é falta de respeito, de compaixão, não tem amor ao próximo.” (nº19).

A ação docente esperada pelos entrevistados do sexo masculino para a prevenção do bullying nas aulas está dividida entre a influência corretiva (repreender e penalizar) e a influência persuasiva (conversar e orientar).

As opiniões variam desde a “Punição aos agressores (como por exemplo, tirar das aulas dos esportes que mais gostam), dar advertência, etc” (R nº9) até “Chamar o agressor para uma conversa, alegando que todos são iguais mesmo uns sendo mais habilidosos do que outros” (R nº22).

“Ele (o professor) tem que se fazer presente em aula, convencendo de forma positiva a participação de todos os alunos. Deve reforçar sempre a importância da prática esportiva e fazer com que o aluno se foque nas aulas e não em perturbar seus colegas”. (R nº15).

Na fala das jovens do G1 a defesa da influência persuasiva é mais frequente. A defesa da repreensão e da penalização não é tão comum quanto entre os rapazes.

“O bullying sempre existiu e creio que continuará existindo, porém, pode ser reduzido através de palestras, conversas entre professor e aluno e orientação correta. É preciso obter uma educação correta desde criança, para que esta saiba quanto mal o bullying pode fazer”. (G1 nº16).

Embora a percepção de que “Repreender o agressor quando estiver acontecendo o bullying e, caso não funcione, tomar medidas mais drásticas como chamar os responsáveis do bulinador ou castigar o mesmo com advertência” (sic.) - G1 nº16 - também pode ser encontrada nas entrevistas.

O argumento presente na fala de sujeitos ambos os grupos de que “... é necessário um trabalho especial de desenvolvimento de habilidades para que os menos aptos possam se inserir no grupo” (R nº3) e “... cuidar para que os menos habilidosos sejam incluídos..” (G1 nº21), embora citados por um indivíduo em cada grupo, sugere que os indivíduos com menor habilidade nas atividades corporais e nos esportes são possíveis vítimas nas aulas de EF.

As jovens do G2 ficaram divididas entre a persuasão por meio de conversas e palestras direcionadas aos praticantes de bullying e a repreensão desde o professor “prestar mais atenção” ou “colocar ordem” (G2 nº 12), até “levar o caso à polícia” (G2 nº9).

“Bom, eu acho que o professor deve ter bastante diálogo com os alunos e obter regras para que todos aprendam a conviver juntos pois somos todos iguais. O professor deve ensinar isso. Estamos no mesmo lugar, todos com os mesmos objetivos, mas com a mesma obrigação de aprender e respeitar uns aos outros para que o ambiente não fique desagradável.” (G2 nº13).

A percepção de que as causas do bullying estão além das esferas das aulas de EF foi manifestada pelos respondentes, que apontaram falhas na formação familiar como um dos motivos e o ambiente escolar como um todo como espaço para esta ocorrência.

“Depende do caso, afinal muitas vezes o bullying começa antes das aulas de

educação física e são nessas aulas que se encontra a possibilidade de ‘extravasar’ e cometer tais ações”. (G1 n°5).

DISCUSSÃO

Apesar da crença de que atitudes sexistas são reforçadas através das aulas separadas por sexo, como sugerem as investigações de Abreu (1995), Saraiva (1999), Hartel, Gonçalves Junior (2007) e Vianna, Moura e Mourão (2007) observou-se, através dessa investigação, que a maioria dos sujeitos que vivenciaram aulas de EF separadas por sexo (81,6%) prefere aulas conjuntas entre meninas e meninos.

Porém, alunas que não tiveram a vivência de aulas separadas por gênero tem a impressão de que essas aulas podem representar uma menor exposição ao bullying (52%).

As informações coletadas sustentam as investigações de Pereira, Silva e Nunes (2009), Malta (2010), ABRÁPIA (2011), Grossi e Santos (2012), Scarpa, Carraro, Gobbi e Nart (2012), entre outros autores que afirmam a existência de bullying no ambiente escolar, mesmo que alguns participantes informem nunca terem presenciado ou percebido a prática de bullying nas aulas de EF.

No entanto a suspeita de Delgado, Paranhos e Vianna (2010) de que a evasão feminina nas aulas de EF pode ser devido ao bullying praticado por jovens do sexo masculino só se aplica a minoria das alunas que deixam de fazer aulas.

Diferenças nas habilidades motoras decorrentes das diferenças individuais e de oportunidades de socialização distintas, explicam as percepções masculinas sobre a maior ocorrência de bullying em aulas separadas por gênero, enquanto as meninas sustentam que aulas mistas são mais propensas a prática do bullying. Na opinião dos investigados nesta pesquisa nos grupos R e G1 a agressão nas aulas de EF pode ser provocada principalmente devido a pouca habilidade motora dos que sofrem bullying (percepção de 40% dos rapazes e 45% das meninas do grupo G1). No entanto as jovens do grupo G2 esta percepção não se destaca. As evidências sugerem que as diferentes metodologias e conteúdos abordados nas aulas podem ter impacto diferenciado na percepção dos alunos.

As habilidades motoras exigidas em alguns esportes, que podem ser motivos para a evasão nas aulas de EF no ensino médio em alguns contextos (BETTI; LIZ, 2003; DUARTE; MOURÃO, 2007; ROSÁRIO; DEVIDE, 2008; MARTINELLI *et al*, 2006), podem estimular a adesão e participação em outros.

Os argumentos de Goellner (2003) que a exigência de habilidades motoras dos esportes nas aulas de EF expõe as meninas a chacotas, ofensas e humilhações, podem ser

ligados à percepção de que a assimetria nas habilidades motoras pode favorecer o bullying (grupos R e G1). Entretanto, se os esportes nas aulas mistas tem sido motivo para a evasão de alguns jovens, observa-se que a participação da maioria das alunas tem sido satisfatória (DELGADO; PARANHOS; VIANNA, 2010). Sendo assim, ao retirar os conteúdos esportivos ou diminuir a exigência sobre as habilidades motoras decorrentes de sua prática correspondentes à prática curricular da EF arrisca-se a agradar a minoria e a desagradar a maioria.

Urge a necessidade de se refletir sobre as estratégias e metodologias da EF face ao fenômeno do bullying (COSTA, 2012). Barros, Carvalho e Pereira (2009) sugerem o lúdico e o lazer como instrumentos para o desenvolvimento de competências sociais na prevenção do bullying no ambiente escolar. Fajardo *et al* (2006) ressaltam a importância da análise do contexto sócio cultural dos alunos para o planejamento da intervenção pedagógica com foco na diminuição da violência escolar. Também se deve considerar se os indivíduos praticantes de bullying são oriundos de contextos sociais violentos.

As práticas do bullying indicadas por Malta (2010) também foram observadas nesta investigação – humilhar, isolar e excluir. A agressão verbal foi percebida como predominante na prática, seguida da percepção de agressões físicas (indicada por ambos os grupos pesquisados), o que reforça os achados de Pereira, Silva e Nunes (2009). Mais presentes no meio masculino, as agressões físicas são menos frequentes no universo feminino, no qual são mais utilizados atitudes e comportamentos que afetam a vítima emocionalmente.

A percepção verificada nesta pesquisa de que a agressão revela a insegurança do praticante de bullying, encontra eco na pesquisa de Gutierrez *et al* (2012). Os indivíduos aqui investigados argumentam que o agressor se vale de sua superioridade sobre a vítima – fator de superioridade destacado pelos sujeitos que vivenciaram aulas mistas e separadas por sexo (grupos R e G1) foi a habilidade motora, enquanto o grupo que ao longo de sua experiência escolar sempre participou de aulas mistas (G2) destacou-se a aparência.

Se as relações entre o agressor e a vítima do bullying podem ser tomadas como relações assimétricas de poder (LOPES; SAAVEDRA, 2004), a fala dos investigados sobre os motivos que levam à prática do bullying e suas sugestões dos procedimentos a serem adotados pelo professor para prevenir a sua ocorrência, aparece impregnada da construção cultural que reconhece o poder do professor como um agente da instituição escolar responsável pela estruturação de direitos e obrigações neste contexto.

Os investigados parecem recorrer ao poder institucionalizado na busca da

contraposição a hostilidade, agressividade e retração de indivíduos que se comportam fora de padrões e normas, possivelmente como uma resistência ao mesmo poder. Galvão *et al* (2010) chamam atenção ao fato de que regras impostas pela instituição escolar, sem coerência em sua aplicação, também são fator de deterioração do ambiente escolar. Há de se buscar alternativas que aliem liderança, competência técnica e compromisso da equipe escolar.

CONCLUSÕES

Mesmo que parte dos alunos investigados tenha informado que nunca presenciaram ou souberam da prática de bullying nas aulas de EF, o bullying foi identificado por ambos os grupos. A suspeita de que a evasão feminina nas aulas de EF pode ser devido ao bullying praticado por jovens do gênero masculino devido a influências sexistas no meio social, não podem ser generalizadas, só se aplica a minoria das alunas que deixaram de fazer aulas.

Nota-se na fala de sujeitos que vivenciaram aulas separadas por sexo e aulas mistas, que não parece haver incompatibilidade entre a separação de alunos por sexo nas aulas e a valorização da pluralidade, da diversidade e do respeito às diferenças.

Os casos citados de ocorrência do bullying tiveram como origem as diferenças de habilidades motoras entre os alunos e as alunas, decorrentes de diferenças individuais. Contudo, considerando que as aulas de EF devem, entre outros objetivos, propiciar o desenvolvimento motor, tais práticas não devem ser excluídas do conteúdo escolar.

Sugere-se, que os professores passem a desenvolver os conteúdos utilizando o lúdico como aliado, ressaltando as diferenças entre gêneros que venham a somar com a qualidade das aulas e não minimizar o potencial existente nos diferentes participantes, ou seja, fazendo com que os alunos aprendam a importância das diferenças no contexto das aulas de EF e na vida em sociedade.

Os valores, atitudes e comportamentos para a convivência pacífica entre sujeitos provenientes de grupos culturais diferentes são fundamentais no ambiente escolar, quando este é um local de acolhimento e convivência de indivíduos com características diversas. A educação multicultural que valoriza a diversidade pode contribuir na construção da percepção de que todos os sujeitos têm potencialidades e limitações e devem ser respeitados e valorizados.

Acredita-se que investigações que observem as representações de alunos praticantes de bullying e as relações entre a percepção de poder, o sentimento de superioridade e a agressão no ambiente escolar podem ampliar e aprofundar os conhecimentos em pauta.

BULLYING IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES: THE PERCEPTION OF STUDENTS.

ABSTRACT

This study aimed to examine the perceptions of students in high school about bullying in physical education classes. Semi structured questionnaire responded to 70 students - 26 boys and 23 girls who experienced physical education classes and mixed classes separated by sex and 21 students who experienced only mixed classes. The results indicate the occurrence of bullying in the classroom. The verbal abuse is the most common perception of those investigated. One reason for the aggression is lack of motor skills. How are the characteristics of the offender feeling of superiority and arrogance. Gender differences were not essential in the practice of bullying.

KEYWORDS: Bullying; Gender; Evasion.

INTIMIDACIÓN EN LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA: LA PERCEPCIÓN DE LOS ESTUDIANTES.

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo examinar las percepciones de los estudiantes en la escuela secundaria sobre el acoso escolar en las clases de educación física. Cuestionario semiestructurado respondió a 70 estudiantes - 26 niños y 23 niñas que experimentaron las clases de educación física y clases mixtas, *separados por* sexo y 21 estudiantes que experimentaron sólo las clases mixtas. Los resultados indican la existencia de acoso en las aulas. El abuso verbal es la percepción más común de los investigados. Una razón de la agresión es la falta de habilidades motoras. ¿Cómo son las características del delincuente sensación de superioridad y arrogancia. Las diferencias de género no eran esenciales en la práctica de la intimidación.

PALABRAS CLAVE: La intimidación; Género; Evasion.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAPIA, Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência. Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Disponível em: <www.miniweb.com.br/Educadores/Artigos/.../bullying_abrapia.pdf> Acesso: 18 jun. 2011.

ABREU, N. G. Análise das percepções de docentes e discentes sobre turmas mistas e separadas por sexo nas aulas de educação física escolar. In: ROMERO, Eliane (Org.), *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas: Papyrus, 1995.

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. *Rev. Estud. Fem.*, 9 (2), Florianópolis, 2001.

BARROS, P. C.; CARVALHO, J. E.; PEREIRA, B. O. Um estudo sobre o bullying no contexto escolar. *Anais. Congresso Nacional de Educação - EDUCERE*, 9, Curitiba, Brasil, 2009 – “Políticas e práticas educativas: desafios da aprendizagem : actas”. Curitiba : Champagnat, p. 5738-5757, 2009.

BETTI, M.; LIZ, M. Educação Física escolar: a perspectiva das alunas de ensino fundamental. *Revista Motriz*, Rio Claro. 9(3), p. 135-142, 2003.

BRASIL, *Normas para a Realização de Pesquisas em Seres humanos*. C.N.D. Saúde.

Resolução 196/96, 1996.

COSTA, T. P.; NETO, N. T. A.; SAINT'CLAIR, E. M. ; CALOMENI, M. R. A função do educador físico no enfrentamento do fenômeno bullying no âmbito escolar. *Perspectivas Online: Biológicas e Saúde*, Vol.2(4), p.28, 2012.

DAÓLIO, J. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papirus, 1995.

DELGADO, D. M.; PARANHOS, T. L.; VIANNA, J. A. Educação Física escolar: a participação das alunas no ensino médio. *Efdeportes*. Buenos Aires, 14(140), enero de 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd140/educacao-fisica-escolar-a-participacao-das-alunas.htm>. Acesso em: 27 de out 2012.

DUARTE, C. P.; MOURÃO, L. Representações de adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de educação física. *Movimento*, Porto Alegre. Vol.13, nº01, p. 37-56, jan/abr 2007.

DURAND-DELVIGNE, A.; DURU-BELLAT, M. Co-participação e construção do gênero. In: MARUANI, M.; HIRATA, H. (Org.) *Homens e mulheres no mercado de trabalho*. São Paulo: Senac, p. 101-110, 2003.

FAJARDO, I. N. et al. Pressupostos de uma avaliação de contexto existencial da violência escolar para o planejamento de condutas motoras educacionais voltadas para pré-adolescentes de classes de progressão. *Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ.* vol.14, nº50, jan-mar 2006.

GALVÃO, A. ET AL. Violências escolares: implicações para a gestão e o currículo. *Ensaio: aval. Pol. Publ. Educ.* vol.18, nº68, p. 425-442, 2010. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40362010000300002>

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L.; NECKEL J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.) *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, (2) p.28-40, 2003.

GROSSI, P. K.; SANTOS, A. M. Bullying in brazilian schools and restorative practices. *Canadian Journal of Education*, vol.35(1), p.120(17), July2012.

GUTIERREZ, R.; BENITEZ, J. L.; MACHADO, C.; JUSTICIA, F. A study of mental attribution toward bullying in students ages 10 to 16 through the SCAN Bullying Questionnaire. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*, vol.10(2), p.545(24), May 2012.

HAERTEL, B.; GONÇALVES JÚNIOR, L. O gênero nas aulas de Educação Física: uma experiência em escola de ensino médio da cidade de São Carlos. In: *Anais do VII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE: Saberes Docentes – edição internacional*, 2007. Curitiba. Anais Curitiba: PUCPR, (1), p. 1777-1789, 2007.

JESUS, M. L.; DEVIDE, F. P.; VOTRE, S. Apresentação e análise de trabalhos acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de Educação Física Escolar. *Movimento*. Porto Alegre, 14 (2), p. 83-98, 2008.

LARAIA, R.B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LOPES N. A. A.; SAAVEDRA L. H. *Diga NÃO para o Bullying*. Rio de Janeiro: ABRÁPIA, 2004.

MALTA, D. C. et al. Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), *Ciênc. Saúde Coletiva*, 15 (2), p. 3065-3076, 2010.

MARTINELLI, C. et al. Educação física no ensino médio: motivos que levam as alunas a não gostarem de participar das aulas. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*. 5(2), 2006.

OLIVEIRA, F. F.; VOTRE, S. J. Bullying nas aulas de educação física. *Movimento*, Porto Alegre, v.12, nº02, p. 173-197, mai/ago 2006.

PALACIOS, M.; REGO, S.; Bullying: mais uma epidemia invisível? *Rev. Bras. Educ. Med.*, 30 (1), 2006.

PEREIRA, B. O.; SILVA, M. I.; NUNES, B. Descrever o bullying na escola : estudo de um

- agrupamento de escolas no interior de Portugal. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 9, n. 28, p. 455-466, set./dez. 2009.
- QUARESMA, L. Violência escolar e de gênero. *Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, p. 351-374, 2010.
- ROSÁRIO, K. L.; DEVIDE, F. P. O discurso dos discentes concluintes do ensino médio sobre os saberes construídos na Educação Física escolar: uma análise a partir da teoria de gênero. In: *Anais do Encontro Fluminense de Educação Física Escolar*. Niterói, DEF/UFF, 2008.
- SARAIVA, M. C. *Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito*. Ijuí: Unijuí, 1999.
- SCARPA, S.; CARRARO, A.; GOBBI, E.; NART, A. Peer-victimization during physical education and enjoyment of physical activity. *Perceptual and motor skills*, Vol.115(1), p.319-24, 2012.
- SENNETT, R. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. 3ed. Trad. Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2003.
- SOUZA, S. M. *Gênero e bullying na Educação Física escolar: a percepção de alunas em uma escola pública na cidade de Arujá, SP*. Dissertação (Mestrado) - Educação Física. Universidad Católica Nuestra Señora de La Assunción. Asunción, 2013.
- THIOLLENT, M. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Editora Polis, 1980.
- VIANNA, A. J. C.; MOURA, D. L.; MOURÃO, L. Gênero e educação física escolar: uma análise das evidências empíricas sobre a discriminação e o sexismo. In: *Anais... XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte*. Recife, 2007.
- WILLIAMS, L. C.A. Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no ensino fundamental. *Cadernos de Pesquisa*, Vol.39, p.995-1018, 2009.